

Benedito Nunes: *O Mundo de Clarice Lispector* - Primeiro Livro Publicado

Prof^a. Doutoranda Maria de Fátima do Nascimento¹/UFPA/UNICAMP

Resumo:

Benedito Nunes começou o trabalho de crítica literária muito jovem, nos jornais e periódicos de Belém do Pará, como colaborador do Suplemento Literário “Arte e Literatura”, do jornal Folha do Norte, de 1946 a 1951, e como diretor das revistas Encontro (1948) e Norte (1952), posteriormente em revistas e jornais literários nacionais, a exemplo de: Suplemento Literário do Estado de São Paulo e Revista do Livro, entre outros. Nos anos subseqüentes, ele continuou atuando, com larga repercussão nacional, na crítica literária, divulgada em eventos e em livros, como: O Mundo de Clarice Lispector (1966) e O Dorso do Tigre (1969). Neste trabalho objetivamos analisar o primeiro ensaio dos cinco que compõem o livro inicial de Benedito Nunes: O Mundo de Clarice Lispector (Ensaio), publicado em 1966.

Palavras-chave: Benedito Nunes, Crítica literária, Romance brasileiro, Filosofia.

O livro **O Mundo de Clarice Lispector (Ensaio)** é constituído de cinco ensaios: **A Náusea, A Experiência Mística de G. H., A Estrutura dos Personagens, A Existência Absurda e Linguagem e Silêncio**, que foram publicados em 1969, na segunda parte do livro **O Dorso do Tigre**, com mudança de título, **O Mundo Imaginário de Clarice Lispector**, e com muitas alterações no conteúdo dos ensaios, mas sem nenhuma menção ao livro publicado em 1966.

Olhando de relance os livros de Benedito Nunes, percebemos que ele optou quase sempre por analisar obras de grandes escritores, a exemplo de: Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Fernando Pessoa, Jean-Paul Sartre e Clarice Lispector.

De todos os grandes autores por ele estudados, Clarice Lispector está no centro de suas atenções. Os romances e contos de Clarice Lispector parecem ter sido seu grande achado para o estudo que o interessava, ou seja, a reflexão sobre filosofia e arte, em especial, a literatura. A propósito, em um artigo publicado em 2005, intitulado **Meu Caminho na Crítica**, em que Nunes faz um balanço de seu caminho de crítico literário, ele começa citando a autora que o inspirou a refletir sobre a cultura e a natureza, a partir de tantos escritos dela: “Num dos encontros, em Belém, com Clarice Lispector, depois que publiquei **O Drama da Linguagem** (São Paulo, Ática, 1989), sobre o conjunto da obra dessa escritora, ela me disse antes do cumprimento de praxe: ‘Você não é um crítico, mas algo diferente, que não sei o que é’ (NUNES, 2005. p. 289).

No entanto, ainda que Nunes, aos olhos contemporâneos, tenha escolhido para suas análises uma grande autora, na época em que escreveu **O Mundo de Clarice Lispector (Ensaio)**, em meados da década de 60, Clarice Lispector não era tão prestigiada na Literatura Brasileira como é hoje, haja vista dois textos de Álvaro Lins, um de 1944 e outro de 1946, intitulados **A experiência incompleta: Clarice Lispector**, sobre os romances **Perto do Coração Selvagem (1944)** e **O Lustre (1946)**, textos esses publicados em jornais e, posteriormente, em 1963, no livro **Os Mortos de Sobrecasaca: Ensaios e Estudos 1940-1960**, em que, embora afirme que tal produção clariceana remeta a “...um romance original nas nossas letras” (LINS, 1963. p. 187), critica negativamente os dois romances da autora de *Laços de Família*, afirmando que:

Romances, porém, não se fazem somente com um personagem e pedaços de romances, romances mutilados e incompletos, são os dois livros publicados pela Sra. Clarice Lispector, transmitindo ambas nas últimas páginas a sensação de que

alguma coisa essencial deixou de ser captada ou dominada pela autora no processo da arte de ficção (LINS, 1963 p. 192).

Nunes, ao contrário de Álvaro Lins, faz uma crítica valorizando a obra de Clarice Lispector, criticando os estudiosos que não conseguiam ver a importância de certos “temas e situações”, constantes na obra da escritora brasileira e chama a atenção para isso na introdução de **O Mundo de Clarice Lispector (Ensaio)**, de 1966, portanto muito próximo da publicação do livro de Lins, parece dar uma resposta ao autor de **Os Mortos de Sobrecasaca: Ensaios e Estudos 1940-1960**, notadamente quando faz a seguinte afirmação em seu primeiro livro:

Este ensaio é uma tentativa para interpretar coerentemente a ficção de Clarice Lispector, cuja importância cresceu muito, sobretudo depois do aparecimento de *A Maçã no Escuro* (1961). A Paixão Segundo G. H., de 1964, recebido pela crítica com respeitoso silêncio, quebrado por uma ou outra apreciação, ainda não foi devidamente avaliado quanto ao lugar que ocupa na prosa de ficção da extraordinária escritora. Houve mesmo, a propósito desse último romance de Clarice Lispector, reações de surpresa e de estarecimento. Chegou-se até a falar no hermetismo da autora, de seu culto de vaguidão, e da incomunicabilidade final dos propósitos da romancista. (NUNES, 1966, p. 11).

O crítico paraense não foi o primeiro a analisar a obra da autora de **A Maçã no Escuro**. Porém, parece ter sido Benedito Nunes quem mais se encantou naquele momento com a escrita da autora de **A Paixão Segundo G. H.**, pois ele continuou, por vários anos, estudando a obra da escritora e republicando livros com os mesmos ensaios sobre ela, com mudanças apenas de título, ou com pequenos acréscimos de outros ensaios, ou ainda retirando informações que foram sendo trabalhadas durante vários anos. Notamos, em sua análise, que, em nenhum momento, Nunes tratou com inferioridade a obra de Clarice por ela ser do sexo feminino, como fez Álvaro Lins: “Este tipo de criação literária não se ajusta muito bem aos temperamentos femininos; e talvez seja essa uma razão capaz de explicar porque a escola realista e a escola naturalista não foram propícias às mulheres escritoras, salvo um ou outro caso de inteligência” (LINS, 1963, p. 186).

Contra esse modo de interpretação, Nunes procurou estudar teorias que pudessem iluminar a obra da escritora que parece ter chamado tanto sua atenção, e encontrou, nas teorias filosóficas de Heidegger, Kierkegaard, Jean-Paul Sartre, entre outros, suporte teórico para analisar a obra da referida autora, fazendo uma aproximação da obra dela com **A Náusea (1938)**, do escritor francês Sartre, como que querendo mostrar que a escritora em apreciação era importante porque trazia novas perspectivas para a literatura brasileira, mas também que sua obra resistiria a uma análise com base em determinadas teorias filosóficas que, para os críticos brasileiros da época, deviam ser importantes para consagrar uma escritora/um escritor.

Nunes, no primeiro ensaio, **A Náusea**, do livro em apreciação, analisa três textos de Clarice Lispector, atentando para “a experiência da náusea” no comportamento das principais personagens das obras em análise: Ana, protagonista do conto “Amor”, do livro de contos **Laços de Família** (1960); Martim, do romance *A Maçã no Escuro* (1961), e G. H., do romance **A Paixão Segundo G. H.** (1964), para mostrar a “concepção-do-mundo” de Clarice Lispector, ressaltando que “é sempre possível encontrar na literatura de ficção, principalmente na escala do romance, uma concepção-do-mundo, inerente à obra considerada em si, concepção esta que deriva da atitude criadora do artista, configurando e interpretando a realidade” (NUNES, 1966. p. 15). Porém, nas obras de Clarice, segundo Nunes, há “afinidades marcantes com a filosofia da existência”, deixando claro que essa sua percepção da filosofia existencial nas obras de Clarice Lispector não fecha para outras possibilidades de análises.

Nunes, a partir da leitura de teorias sobre náusea, angústia e medo, como as abordadas em **Ser e Tempo** (1927), de Heidegger, **O Ser e o Nada** (1943), de Sartre, e **O Conceito de Angústia** (1844), de Kierkegaard, entre outros filósofos, como Pascal, e ainda a partir da leitura do romance

A Náusea (1938), de Jean-Paul Sartre, analisa a obra de Clarice Lispector, mostrando que existem temas importantes na obra da escritora brasileira que podem ser elucidados por essas teorias.

Desse modo, inicia a análise do ensaio **A Náusea**, do livro em apreciação, para tratar da experiência da náusea na obra de Clarice Lispector, mas, para isso, discute primeiramente as teorias sobre a náusea descrita por Sartre como “sendo uma forma emocional violenta da angústia, que arrebatava o corpo, manifestando-se por uma reação orgânica definida”, ou seja, a náusea é a expressão física da angústia, entendida essa como “a liberdade da consciência, que contamina o ser em geral”. Sob tal enfoque, Nunes, reconhecendo a lição heideggeriana de que a linguagem, enquanto casa ou morada do Ser, representa uma instância de refúgio da condição humana, ainda complementa:

Quando nos sentimos existindo, em confronto solitário com a nossa própria existência, sem a familiaridade do cotidiano e a proteção das formas habituais da linguagem, quando percebemos ainda a irremediável contingência, ameaçada pelo Nada, dessa existência, é que estamos sob o domínio da angústia, sentimento específico e raro, que nos dá uma compreensão preliminar do Ser (NUNES, 1966.p. 93).

Em seguida, Nunes aproxima essa percepção de Sartre das teorias de Heidegger, para mostrar a diferença entre angústia e medo, sentimentos descritos pelo filósofo alemão, mostrando que “a angústia é um sentimento de alcance metafísico” e, portanto, diferente do medo, pois “tem-se medo de algo definido, de um ser particular (intramundano)” e tem-se “angústia sem saber do quê” (NUNES, 1966, p.16).

O ensaísta conceitua esses três sentimentos muito próximos, no entanto bastantes diferentes um do outro, para se concentrar na angústia e na náusea, teorias que servirão de base para a análise da obra de Clarice.

Por último, Nunes faz suas considerações sobre a angústia e a náusea para começar analisar o romance **A Náusea**, de Jean-Paul Sartre, sugerindo que há pontos semelhantes e diferentes entre a obra da escritora brasileira e a do pensador francês, cujos protagonistas, num dado momento de suas histórias, tomam consciência do mundo, da existência e, por isso, sofrem, assemelhando-se a seres humanos, porque:

A angústia nos desnuda, reduzindo-nos àquilo que somos: consciências indigentes, com a maldição e o privilégio que a liberdade nos dá. No extremo de nossas possibilidades, ao qual esse sentimento nos transporta, ela intensifica a grandeza e a miséria do homem. Da liberdade que engrandece, e que nos torna responsáveis de um modo absoluto, deriva a razão de nossa miséria. Vivemos, afinal, num mundo puramente humano, onde a consciência é a única realidade transcendente (NUNES, 1966, p, 17).

É nessa chave que as personagens clariceanas transitam acometidas de repente de uma consciência sobre suas vidas, relembrando o passado e percebendo o presente em que vivem, ao mesmo tempo em que descobrem que os fatos corriqueiros até então não percebidos são gratuitos, contingentes e, por isso, de acordo com o crítico, sentem náusea.

Assim, o ensaísta aproxima as três personagens clariceanas analisadas no ensaio, a Roquentin, o protagonista de **A Náusea**, de Sartre, mostrando que aquelas personagens, a partir da tomada de consciência do mundo, das coisas que as rodeiam, em um determinado momento de suas existências, sentem medo e posteriormente passam por um certo mal-estar físico, chegando à cólera e à náusea, como é o caso da personagem Roquentin. Esse é um historiador que chega à cidade de Bouville, com o intuito de escrever a biografia do marquês de Rollebon, mas, justamente num jardim, lugar ameno de contemplação, se depara com a raiz de uma castanheira e, segundo o crítico

em apreciação, “é suplantado pelo formigamento da existência”, logo se desencanta com o seu trabalho com a sociedade da pequena cidade, com os homens e com a falta de sentido de sua própria vida, sentindo-se impotente diante do mundo, portanto acometido pela náusea, reconhecendo o perigo da existência, pois:

O corpo de Roquentin cede a essa corrente impetuosa do ser, no meio da qual a sua consciência apenas consegue flutuar a princípio impulsionada pelo medo, depois por um mal-estar físico, que se transforma na emoção ambígua, barroca, descrita como “êxtase horrível” e “deleite atroz”, confinando com a repugnância e a cólera. (NUNES, 1966, p. 18).

As personagens de Lispector, assim como Roquentin, também se angustiam com a vertigem da consciência, como seres frágeis, imperfeitos, não idênticos a si mesmos (Para-si), contrários à maneira de ser das coisas (Em-si), e chegam à náusea. Nunes mostra que Ana, protagonista do conto *Amor*, uma dona de casa que vive tranqüila com marido e filhos, numa casa confortável, bastou ver um cego que mascava chicles para entrar em profunda crise, “sua desagregação interior é profunda”, deixa cair do seu colo as compras; o saco de tricô e os ovos se esparramam no bonde. Ela sente um mal-estar (“respiração opressa etc”):

No Jardim Botânico, onde Ana já transtornada entra, o ambiente colorido e ameno de um fim-de-tarde transforma-se, de súbito, num viveiro de agitadas existências. Bastou que visse um gato, cheio de secretos poderes. Logo, principia por todos os lados o assédio das coisas, já estranhas, mobilizando forças secretas, que se derramam em ação indormida. Presenças sensíveis, outrora familiares, repentinamente estendem garras ocultas, destilam sumos, elaboram volumes e carnações. São os movimentos incontrolláveis porém serenos da máquina do mundo, em pleno funcionamento. Sem descontinuidade, no giro da existência proliferante, que fascina e repugna, essa máquina fabrica a vida e a morte. (...). Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo e era fascinante... As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Esse mundo carnoso, túrgido, era nauseante (NUNES, 1966, p. 21).

Podemos entender ainda melhor essa tensão entre o Para-si e o Em-si, que enfrenta a personagem principal da narrativa *Amor*, de Clarice Lispector, por meio da seguinte reflexão de Benedito Nunes:

Aflige-nos a falta de correspondência entre nós e as coisas, os nossos projetos e o mundo! Na náusea a supremacia do Para-si desaparece, com o sacrifício do nexos entre consciência e sentido. A lucidez da angústia, que perdura, arrebatada pelo ser anônimo, a que se reduzem as coisas circundantes e o próprio corpo humano, exterioriza-se só para afirmar o Absurdo, de mistura com o medo e a repugnância que lhe inspira o espetáculo injustificável, gratuito, incontrollável, da existência em ato.

O segundo exemplo do sentimento da náusea demonstrado pelo crítico está presente na personagem Martim, de **A Maçã no Escuro**, personagem essa que supostamente assassinou a esposa e fugiu para uma fazenda onde passa a trabalhar. Conforme o ensaísta, Martim é “o homem que se impõe a não pensar, mas ser”. O sentimento de náusea ocorre “num dos momentos decisivos de sua experiência no trabalho com os animais”, a que o crítico chama de “renovação, no caminho da conquista de si mesmo, é a descoberta e a tentativa de assimilação dos elementos sensíveis, brutos, penumbrosos, proliferantes e fortes da vida num curral de vacas”, local onde *Martim* “*encontra*, sob forma de vida ativa, de matéria operante, que segue curso impassível, o sórdido, o fecal” (NUNES, p.21).

Essa personagem, na apreciação do crítico paraense, “fracassa no debate contra o passado que não consegue desfazer, conhece de novo o estado de náusea”, momento em que sente “aquele gosto suave como se tivesse atingido o outro lado da morte, aquele ponto mínimo que é o ponto vivo do viver, a veia no pulso”. Todavia, Martim nutre uma esperança absurda: sem relações com o crime cometido muito antes, e com as pessoas que o rodeava (...). Próxima da quietude das coisas aceitas e vividas independentemente de confiança e temor, do Bem e do Mal, a expectativa quieta, silenciosa, que nada mais pede ao futuro e ao possível, recua para dentro de si mesma, tornando-se compreensão muda, ou entrega inevitável do Ser (NUNES, 1966, p. 21-22).

Essa percepção do crítico é demonstrada a partir de vários fragmentos do livro **A Maçã no Escuro**, do qual retiramos apenas um exemplo. O entendimento do mundo e da vida Martim vai absorvendo, chegando ao ápice da compreensão da existência: “Caindo em êxtase diante da vida impessoal da natureza, vislumbra a conexão de sua existência com a de todo o universo, conexão a que a náusea emprestará um cunho de participação orgânica” (NUNES, 1966, p. 21):

Ali era o escuro ar de que vive uma coisa viva. E Martim estava bem cercado pelas coisas que ele entendia: as moscas desovavam. E o sentido daquilo era o sentido mais primeiro daquele homem: estava ali como se houvesse um plano que ele ignorava, mas a que uma planta se agregava com a boca e a que ele próprio correspondia sentando-se muito evidentemente na pedra – sentar-se numa pedra estava-se tornando sua atitude mais inteligível e mais ativa... E a coisa era de tal modo perfeita que até a perspectiva da distância se agregava àquele mundo sem Deus. Pois quando o homem erguia os olhos – as árvores distantes eram altas, tão altas como uma beleza: o homem grunhia aprovando. Quanto mais estúpido, mais em face das coisas ele estava (NUNES, 1966, p. 22).

Por último, Nunes demonstra o desencadeamento da náusea na personagem-narradora G. H, do romance **A Paixão Segundo G. H**, cujo momento de compreensão do mundo e de si mesma ocorre quando a protagonista entra no quarto da empregada que acaba de sair do emprego e vê uma barata saindo do guarda-roupa. Esse inseto muda a compreensão da existência de G. H, porque, de acordo com Nunes:

Condensam-se, pouco a pouco, em torno desse inseto, sentimentos contraditórios que vão crescendo. Na apreciação de Nunes, G. H. passa da comum aversão das donas-de-casa por baratas, o simples nojo físico, o medo, e até o súbito interesse despertado pelo inseto caseiro, dão lugar a uma estranha coragem, misto de curiosidade e de impulso sádico-masoquista com que G. H. fechando a porta do guarda-roupa sobre o corpo do animal, perpetra o ato decisivo (NUNES, 1966, p. 23).

Quando G. H. vê a barata esmagada, o nojo se aprofunda, a ponto de secar-lhe a boca e revirar-lhe o estômago pelo nojo violento que se transforma em náusea.

Os exemplos dados pelo crítico sobre as obras analisadas mostram que, nas obras de Clarice Lispector, é a partir de um dado momento quando as personagens se deparam com algo aparentemente corriqueiro, comum no dia-a-dia dos seres humanos, que as personagens vão despertar para o sentido da vida, como ocorre com G. H:

Como chamar de outro modo aquilo horrível e cru, matéria-prima e plasma seco, que ali estava, enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama – era lama, e nem sequer lama já seca, mas lama ainda úmida e viva, era lugar onde remexiam com lentidão insuportável as raízes da minha identidade (NUNES, 1966, p. 24).

Benedito Nunes, na conclusão do seu ensaio **A Náusea**, título homônimo ao romance de Jean-Paul Sartre, observa que: “Como a angústia, a náusea não tem por objeto um ser determinado. Embora desencadeada pela contemplação de uma coisa em particular, a sua causa real é o mundo, a existência. (NUNES, 1966, p. 23). Sendo assim, mostra a diferença da “experiência da Náusea” nos três textos de Clarice Lispector e na do pensador francês, constatando que essa experiência nas obras da autora brasileira sofre modificações contundentes, pois elas vão evoluindo: em **Amor**, “a náusea é a crise que suspende a vida cotidiana da personagem, mas a lembrança dos filhos, marido, ainda tem forças para reter Ana à beira do perigo de viver“ (...); em **A Maçã no Escuro**, “o estado nauseante associa-se ao descortínio instintivo que coloca Martim no plano reificado e orgânico da Natureza“; mas em **A Paixão Segundo G. H.**, há um aprofundamento da náusea que difere dos outros textos analisados, inclusive, diferente da experiência de náusea sartreana, pois Sartre, de acordo com o crítico, “conferiu aos seus personagens uma liberdade fundamental. Justamente porque a náusea revela o Absurdo, é preciso criar o sentido que a existência não possui. Esse sentido, que deriva única e exclusivamente da liberdade, e é sustentado pelos nossos atos, impõe-se apesar da náusea e contra o Absurdo“ (NUNES, 1966, P. 24). Enquanto a náusea, em **A Paixão Segundo G. H.**, de Clarice Lispector:

apossa-se da liberdade e a destrói. É um estado excepcional e passageiro que, para a romancista, se transforma numa via de acesso à existência imemorial do Ser sem nome, que as relações sociais, a cultura e o pensamento apenas recobrem. Interessa-lhe o outro lado da náusea: o reverso da existência humana, ilimitado, caótico, originário (NUNES, 1966, p. 23).

Nunes demonstra em seu ensaio que a *experiência da náusea* sartreana no romance de Clarice Lispector em tela eleva-se para uma experiência mística porque:

O aprofundamento da náusea, como revelação do Ser e via Mística da união com a sua inexpressável realidade, é a nota marcante de *Paixão Segundo G. H.* Narra-se aí uma experiência espiritual contraditória, em que o sacrifício e o sacrilégio se confundem, a redenção significando a anulação da personalidade e o amor a entrega do Eu a potências cósmicas indiferenciadas, não-éticas, que têm um lado sóbrio e diabólico, infernal, e outro luminoso e divino (NUNES, 1966, p. 24).

Desse modo, a *experiência da náusea* sartreana em **A Paixão Segundo G. H.** está em consonância com as teorias da existência, mas ao mesmo tempo em dissonância com a visão de Sartre, haja vista o exemplo da experiência da personagem G. H. com a barata, cuja descoberta do inseto e de si mesma aponta para um outro sentido do humano:

Escuta, diante da barata viva, a pior descoberta foi a de que o mundo não é humano, e de que não somos humanos. Essa revelação humilde e arrasadora de G. H. conforme Nunes, poderia ser uma réplica à conhecida afirmação sartreana de que nós vivemos num mundo essencialmente humano, “où il n’y a que des hommes” (NUNES, 1966, p. 23).

Referências Bibliográficas

- [1] CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- [2] LIMA, Luiz Costa. *Por que Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- [3] LINS, Álvaro. *Os Mortos de Sobrecasaca: Ensaio e Estudos 1940-1960*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

- [4] LISPECTOR, Clarice. *A Cidade Sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- [5] _____. *A Maçã no Escuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- [6] _____. *A Paixão Segundo GH*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- [7] _____. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- [8] _____. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- [9] NUNES, Benedito. *O Mundo de Clarice Lispector*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- [10] _____. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- [11] _____. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.
- [12] _____. *O Drama da Linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.
- [13] _____. *Dois Ensaaios e Duas Lembranças*. Belém? SECULT/NAMA, 2000.
- [14] _____. *Meu Caminho na Crítica*. *Revista Estudos Avançados*: Rio de Janeiro, 2005.
- [15] SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ⁱ Prof^a. Doutoranda Maria de Fatima do Nascimento

Prof^a de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA. Doutoranda em Teoria e História Literária do IEL – Instituto de Estudos de Linguagem - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Bolsista da CAPES.

E-mail: mafana25@hotmail.com